

**OS EFEITOS DAS ATIVIDADES MUSICAIS COMO MODALIDADE  
ALTERNATIVA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL****THE EFFECTS OF MUSICAL ACTIVITIES AS ALTERNATIVE MENTAL  
HEALTH CARE****EFFECTOS DE LAS ACTIVIDADES MUSICALES COMO MODALIDAD  
ALTERNATIVA DE CUIDADO EN SALUD MENTAL**Aline Siqueira de Almeida<sup>1</sup>, Mônica Rodrigues da Silva<sup>2</sup>**RESUMO**

**Introdução:** A música é uma forma alternativa de assistência ao paciente em sofrimento mental por possibilitar uma melhor qualidade de vida mostrando que seu tratamento pode ir além das atitudes usuais. **Objetivo:** Verificar a importância de práticas alternativas, fundadas em elementos sonoros-rítmicos-musicais que podem funcionar como atividade terapêutica para pessoas com transtornos mentais. **Metodologia:** abordagem qualitativa, constituída em duas etapas – análise do comportamento e método de análise do discurso. Incluíram-se oito pacientes do setor de Psiquiatria de um hospital universitário no período de setembro a novembro de 2010, que quiseram participar da oficina musical e foram autorizados por seus familiares. **Resultado:** de todos os participantes apenas um não modificou positivamente seu comportamento junto à música. **Conclusão:** a ação da música sobre o paciente envolve reações sensoriais, hormonais, fisiomotoras e psicológicas, não havendo fragmentação entre seus efeitos, tratando não só a doença, mas o indivíduo como ser humano.

**Descritores:** Transtornos Mentais; Assistência; Enfermagem; Música.

**ABSTRACT**

**Introduction:** Music is an alternative care for patients suffering mental distress as it enables better quality of life, showing that treatment can surpass the usual attitudes. **Objective:** To investigate the importance of alternative practices, based on sound-rhythmic-musical activity that can act as therapy for people with mental disorders. **Methodology:** two-step qualitative approach: behavior analysis and method of discourse analysis. The participants were eight patients from the psychiatric ward of a university hospital, from September to November

<sup>1</sup> Pós-Graduada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. EERP. E-mail: linejm@usp.br;

<sup>2</sup> Mestre docente na Universidade Federal de Uberlândia. mancar@uol.com.br.

2010, who agreed to participate in the musical workshop and were authorized by their relatives. **Result:** all but one of the participants had a positive change in their behavior with music. **Conclusion:** The effect of music on the patient involves sensory, hormonal, physical-motor, and psychological reaction, with no fragmentation among the effects, treating not only the disease but the individual as a human being.

**Descriptors:** Mental Disorders; Assistance, Nursing, Music

## RESUMEN

**Introducción:** La música es una forma alternativa de atención al paciente en padecimiento mental, por ofrecer mejor calidad de vida, mostrando que el tratamiento puede ir más allá de las actividades usuales. **Objetivo:** Verificar la importancia de prácticas alternativas, basadas en elementos sonoros-rítmicos-musicales funcionando como actividad terapéutica para pacientes con trastornos mentales. **Metodología:** abordaje cualitativo, en dos etapas: análisis de comportamiento y método de análisis del discurso. Se incluyeron ocho pacientes del área de Psiquiatría de un hospital universitario, entre setiembre y noviembre de 2010, que aceptaron participar del taller musical y recibieron autorización familiar. **Resultado:** de todos los participantes, sólo uno no modificó positivamente su comportamiento en el marco de la música. **Conclusión:** la acción de la música en el paciente involucra reacciones sensoriales, hormonales, fisio-motoras y psicológicas, no existiendo fragmentación entre sus efectos, tratando a la enfermedad y al individuo como ser humano.

**Descriptor:** Trastornos mentales; Asistencia, Enfermería, Música

## INTRODUÇÃO

A necessidade de conceituar doença mental remete à necessidade de visualizá-la como um fenômeno cuja maneira de entendimento varia amplamente em diferentes culturas e comunidades, apresentando ainda variações com o passar do tempo. Os diferentes modelos de assistência em saúde mental são determinados pela compreensão do que é

saúde mental e, conseqüentemente, pelo modo como a sociedade entende e lida com a loucura. Isto se deve ao fato de que os juízos de valores são determinados e influenciados culturalmente e dependem da visão de homem e do conceito de normalidade propagados por tal cultura<sup>(1,2)</sup>.

Por muito tempo os portadores de doenças mentais foram considerados alienados vistos como pessoas que viviam

fora da realidade, sem capacidade para entender ou exercer seus direitos.

A reforma psiquiátrica nasceu com o objetivo de superar esses estigmas, a institucionalização e a cronificação dos doentes mentais. Para isso, é necessária a humanização do atendimento ao psicótico, a territorialização dos dispositivos de atenção e a construção de alternativas diversificadas de atenção. As práticas assistenciais devem potencializar a subjetividade, a autoestima, a autonomia e a cidadania, e devem superar a relação de tutela e a institucionalização/cronificação. Para isso é fundamental investir na formação dos profissionais de saúde mental, orientando-os para a "desconstrução" das várias formas de opressão, exclusão e anulação dos doentes mentais<sup>(3)</sup>.

Dessa forma, vale considerar que o princípio que rege a Enfermagem é a responsabilidade de se solidarizar com pessoas, grupos, famílias e comunidades, objetivando a cooperação mútua entre indivíduos na conservação e na manutenção da saúde<sup>(4)</sup>. Atualmente o papel do enfermeiro é o de agente terapêutico e a base dessa terapia é o relacionamento com o paciente e a compreensão do seu comportamento. Esse novo paradigma de atenção à saúde requer uma nova atitude dos profissionais em relação à população usuária dos serviços de saúde.

A interdisciplinaridade é um desafio posto pela própria complexidade do processo saúde-doença, implicando o desenvolvimento da criatividade. Uma disciplina através da qual a enfermagem encontra embasamento e instrumentalização é a musicoterapia, que possibilita uma vivência de situações de contato com o ouvir e o sentir das emoções humanas. Cabe ressaltar que a própria musicoterapia é híbrida, pois se baseia tanto na arte, por meio da música, quanto na ciência, com os fundamentos terapêuticos da utilização desta<sup>(5)</sup>.

A utilização da música traz muitos benefícios aos pacientes, visto que envolve reações sensoriais, hormonais, fisiomotoras e psicológicas, não havendo fragmentação entre os seus efeitos. A relação enfermeiro-paciente também é melhorada, já que a música facilita a comunicação por criar maiores vínculos com o paciente, proporcionando a ele um cuidado humanizado<sup>(5)</sup>.

**Objetivo:** Verificar a importância de práticas alternativas, fundadas em elementos sonoros-rítmicos-musicais que podem funcionar como atividade terapêutica para pessoas com transtornos mentais.

## **METODOLOGIA**

Este estudo teve como campo a oficina de música desenvolvida com os

pacientes do setor de Psiquiatria do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). Foram incluídos os pacientes internados no referido local, no período de setembro a novembro de 2010, que quiseram participar e interagir com os membros da oficina terapêutica musical, com a condição de terem sido autorizados por seus familiares-responsáveis. Incluíram-se pacientes de ambos os sexos e sem limites de faixa etária. Este trabalho compõe-se da análise de dados de oito pacientes que estiveram internados sob as condições estabelecidas.

Trata-se de um estudo qualitativo, constituído em duas etapas: registro e análise do comportamento dos indivíduos, e análise das respostas coletadas nas discussões do grupo.

**Etapa 1:** A coleta de dados, feita a partir da observação do estado geral de cada paciente-participante, antes e após as oficinas terapêuticas musicais, levou em consideração alguns aspectos comportamentais apresentados durante o período especificado, tais como: bem-estar, divertimento, distração, interação, isolamento, tristeza, ansiedade, entre outros. A análise do comportamento foi importante para a observação da subjetividade apresentada por cada indivíduo. A subjetividade envolve ideia de autonomia, liberdade, autorreflexão, autorresponsabilidade, materialidade de um

corpo, particularidades, potencialidades infinitas que conferem cunho próprio e único à personalidade<sup>(6)</sup>.

**Etapa 2:** O fechamento da coleta de dados se deu por meio da gravação das discussões e avaliações sobre a experiência vivida e o impacto dela no estado de saúde do paciente naquele momento. O material gravado foi transcrito na íntegra e trabalhado na forma de relatórios e categorização das respostas coletadas. A análise do discurso tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação, ou seja, ela trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido<sup>(7)</sup>.

O estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, para sua aprovação, a fim de atender às diretrizes emanadas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as normas aplicadas a pesquisas que envolvem Seres Humanos, e aprovado com o número de protocolo 281/10.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a análise comportamental dos pacientes e dos discursos obtidos, verificou-se que todos os

pacientes estudados consideraram a música importante para o processo de tratamento e melhoria do seu estado geral durante a internação.

*A música representa a vida, né?! Sem música a vida seria mais dura...( P. 05). “Parece que eu senti um alívio. Um sentimento bom, assim... de alegria, né!( P. 04).*

A relação dos pacientes com as oficinas foi positiva, visto que a maioria dos participantes deste estudo relatou que as mesmas os deixavam mais “leves”, uma forma de amenizar o tratamento do setor, que por vezes foi considerado como inadequado.

*As pessoas sentirem, e eu me sentir mais alegre (P. 06). Muito mais, a pessoa aqui se sente um prisioneiro, a mesma coisa que se estivesse na cadeia [...] (P. 01).*

O papel da enfermagem durante o processo terapêutico é importante, uma vez que o relacionamento entre enfermeiro e paciente é o veículo para aplicação do processo de enfermagem de maneira completa, visando maximizar as interações positivas do paciente com o ambiente, promover o bem-estar e melhorar a percepção do indivíduo. Dessa forma, segundo alguns autores afirmam<sup>(8)</sup>, as funções do enfermeiro estão focadas na promoção da saúde mental, na prevenção da enfermidade mental, na ajuda ao doente a

enfrentar as pressões da enfermidade mental e na capacidade de assistir o paciente, a família e a comunidade, ajudando-os a encontrarem o verdadeiro sentido da enfermidade mental.

Houve pacientes que responderam que as oficinas estavam sendo benéficas não para si, pois não se sentiam adoecidos, mas para os outros pacientes. Essa atitude se trata de uma fuga do seu estado real, expresso como uma perturbação da expressão do pensamento caracterizada essencialmente por uma variação incessante do tema e incapacidade para conduzir o raciocínio a uma conclusão. Dessa forma, como a percepção está alterada, há maior dificuldade do paciente se encontrar no tempo e no espaço, e, principalmente, para definir e compreender os eventos que ocorrem a sua volta. Mas lembramos que, mesmo os que se encontravam nessas condições, de uma forma ou de outra, interessaram-se pela oficina, e afirmaram que a música os ajudava a se sentirem mais calmos.

*[...] Olha lá pra você ver, eles estavam tudo agitado aí antes de vocês chegar, e agora mesmo, os que estão lá, já ocuparam a cabeça, né? Eles estão pensando só naquilo lá, no que eles estão fazendo. Eu acho que é muito importante sim. [...] Eu adoro música,[...] e eu acho que a música deixa mais calma( P. 07).*

Os pacientes fizeram referência à

medicação, dizendo que não se sentiam bem quando tinham que tomá-las, sentiam-se “dopados”. Logo, os que apresentavam menores efeitos da medicação tiveram um discurso mais compreensível do que aqueles que apresentavam algum efeito colateral mais intenso. Quando se sentiam “dopados” os pacientes mal conseguiam perceber se o tratamento estava sendo eficaz ou não. Vale ressaltar que na área de saúde mental a utilização de múltiplas drogas é frequente e comum, pois, muitas vezes são necessários diferentes mecanismos de ação para se obter o controle da doença e seus sintomas.

Foi evidenciado que o comportamento da maioria dos pacientes (cinco), quando observados antes do início da oficina, apresentou-se como calmo e tranquilo. Duas pacientes apresentaram alterações da linguagem oral, como logorrea, esquizofasia, verbigeração e disartria e apenas uma paciente, apresentou comportamento embotado e sem interação com os outros. Dessas últimas três, duas interagiram com os membros da oficina musical, havendo participação significativa do processo, uma não interagiu com os membros da oficina.

Experiências em diversas áreas como psicologia, fisioterapia, pediatria, gerontologia, entre outras, são constatadas com utilização da música de forma terapêutica a fim de facilitar, promover e

contribuir para uma melhor qualidade de vida do paciente. A primeira vez que a música foi utilizada como forma de humanização e cuidado à saúde foi relatada em 1859, pela enfermeira Florence Nightingale. Foi utilizada junto aos veteranos da I e da II Guerras Mundiais. Duas enfermeiras musicistas dos EUA – Isa Maud Ilsen e Harriet Ayer Seymor – se valiam da música como recurso terapêutico para alívio da dor física e emocional dos soldados feridos<sup>(9)</sup>. A importância da música em diferentes problemas neurológicos vem sendo destacada por vários autores na atualidade. O Institute for Music and Neurologic Function, do Beth Abraham Hospital, no Bronx (Estados Unidos), abriga um dos mais inovadores programas de musicoterapia, em que grandes progressos acontecem diariamente<sup>(10)</sup>.

Pesquisas também apontam que a musicoterapia auxilia a pessoa com Doença de Parkinson em vários sentidos: na orientação, ainda que em aspectos como tempo e espaço se lhe alterem; no relaxamento e recomposição, no caso de insegurança ou ansiedade, ajudando-a a expressar-se melhor no caso de problemas na oralidade ou escrita; na potencialização das funções físicas e mentais afetadas; no reforço da autonomia pessoal; no ato de se reconhecer, tornando-se sujeito de seu sofrimento ao dar-se conta de como lidar

com ele, integrando, assim, corpo, mente, espírito<sup>(10)</sup>.

Em estudo realizado com pacientes hipertensos, verificou-se que a utilização da musicoterapia contribuiu para a melhora da qualidade de vida desses pacientes e do controle da pressão arterial, sinalizando que essa atividade pode representar um reforço na abordagem terapêutica em programas de atendimento multidisciplinar.

O musicoterapeuta norueguês<sup>(11)</sup>, aponta para os elementos potencializadores da música na promoção de novos canais de comunicação, permitindo através da via sonoro-musical, o acesso ao interior da vida do sujeito, a percepção de si e de outros no contexto de aprendizado grupal. A música afeta o corpo direta e indiretamente. Atua de forma direta sobre as células e os órgãos que o constituem, e indiretamente mobiliza emoções e influencia em numerosos processos corporais que, por sua vez, propiciam relaxamento e bem-estar<sup>(9)</sup>.

## CONCLUSÕES

A musicoterapia é apresentada como uma forma alternativa de assistência ao paciente com sofrimento mental por possibilitar melhoria na qualidade de vida, mostrando a esses indivíduos que seu tratamento pode ir muito além do uso frequente de medicação.

Por meio deste estudo observou-se a importância que a música tem no

tratamento do indivíduo com transtornos mentais. Os resultados obtidos mostraram que apenas um dos oito pacientes não modificou positivamente seu comportamento ao entrar em contato com a música, o que reforça a ação benéfica da utilização desta modalidade durante o período de tratamento. Vale ressaltar também que a enfermagem, ao propor modalidades alternativas de cuidado, cumpre com o preconizado pelo Ministério da Saúde, além de propiciar atualização profissional às novas tendências.

## REFERÊNCIAS

- 1- Furegato, ARF. Relações Interpessoais Terapêuticas na Enfermagem. Ribeirão Preto 1999; Scala, p142.
- 2- Trovo MM et al. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: Análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem; Revista Latino-am Enfermagem, São Paulo, 2003; v.11, n.4, p.483-489.
- 3- Andrade, LR., Pedrão, JL. Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica; Revista Latino-am Enfermagem. 2005; v.13, n.5, p.737-742.
- 4- Villela, CS., Scatena, MCM. A enfermagem e o cuidar na área de saúde mental; Rev. Bras. Enferm, Brasília, 2004; v. 57, n.6, p. 738 – 741.
- 5- Bergold, BL., Alvim, TAN., CABRAL, EI .O lugar da música no espaço do cuidado: Sensibilizando enfermeiros com a dinâmica musical; Texto Contexto Enferm. 2006; v.15, n.2, p.262-269.
- 6- Leal, EM. Clínica e subjetividade contemporânea: questão de autonomia na Reforma Psiquiátrica Brasileira. In.

Encontro dos Serviços de Atenção Diária do Rio de Janeiro, 2000.

**7-** Caregnato, ACR, Mutti, R. Pesquisa Qualitativa: Análise do discurso versus análise de conteúdo; Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006; v.15, n. 4, p.679-684.

**8-** Stuart, GW, Laraia, M T. Enfermagem Psiquiátrica: Princípios e Prática, 6. ed., Porto Alegre, 2001.

**9-** Gonçalves, CFD, Nogueira, OTA, Puggina, GCA O uso da música na assistência de enfermagem no Brasil : Uma revisão bibliográfica, Cogitare Enferm , Jundiaí, 2008; v.13,n.4, p.591-596.

**10-** Côrte, B, Neto, LPA. Musicoterapia na doença de Parkinson; Ciência e Saúde Coletiva, São Paulo, 2008; v.14, n.6, p.2295-2304.

**11-** Leonardi, J. Logomúsica: a criação de um novo *approach* musicoterapia como veículo na promoção da saúde mental. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, 2011. [acesso em abr 2012] Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde.../JulianaLeonardi.pdf>.

Artigo recebido em 29/05/2012.

Aprovado para publicação em 08/04/2013.